

Todos sabemos que Serpa muda frequentemente de estilo, que se torna embaraçante para o crítico que quer catalogá-lo, ou para o colecionador que deseja que seu "Ivan Serpa" seja logo reconhecido por quem o vê. Certamente não há um estilo Serpa, não há adesão de Serpa a um estilo.

O rigor percorre sua obra como uma constante unificante e traça para nós o "retrato de Serpa" que tantas vezes desejamos esboçar. Serpa, o limpo; Serpa, o correto; Serpa, o preciso; Serpa, o claro (mesmo na escuridão); Serpa, o que jamais erra (mesmo quando aceita o risco).

De 46 a 47 (quando Mario Pedrosa passou a ter forte influência junto ao artista) e 49, o Serpa naturalista do século 18 passa direto ao mundo de Klee, imprimindo-lhe já um gênero de rigor todo seu, quase uma antecipação do geometrismo e do concretismo que iria abraçar. Notável que tenha passado por transição tão brusca sem a mais leve hesitação, sem qualquer marca de aprendizado ou de adaptação a um novo estilo. Uma "Natureza Morta" de 47, uma "Abstração" de 48 e outra de 49 mostram-no seguro de si e do seu trabalho. Estamos certos de uma coisa: se Serpa tivesse resolvido fazer uma exposição ainda mais representativa de sua versatilidade, apresentando também o que afinal de contas é a modalidade principal de seu trabalho criador - a pintura -, teríamos diante dela a mesma impressão.

Ao se apreciar a presente mostra, chega-se a esquecer que ela retrata somente um setor acessório da criação de Serpa - salvo talvez, nos últimos anos, quando o desenho parece ter crescido de importância para ele. Porque o que está exposto é impressionante.

INCRÍVEL

Entre o impacto do concretismo por ocasião da I Bienal de São Paulo e a fase erótica, que começa em 67 e perdura até hoje, a variedade exibida pelo desenho de Serpa atinge as dimensões do incrível.

vel. Se, por um lado, o artista não arrisca ^{grandes} outras inovações, por outro, jamais incorre no perigo da imitação.

Suas transições não traduzem preocupação com modismos. Há uma enorme diversidade de geometrismos e algumas incursões por informalismos e cada uma delas parece o produto de longos anos de prática. Depois, adeus geometrismos e adeus concretismos. Serpa retoma suas criações figurativas, de inspiração impressionista, de anos anteriores e mostra um novo caudal de uma quase art brut. O traço faz-se rápido, o rabisco afasta a reta e a curva regular sem, entretanto, negar a precisão. Também à cor, antes toda disciplina, em sua muita variação, ou em suas sutis modulações, confere-se liberdades que não implicam em recusa do rigor. Imagine-se Mondrian e Ensor como tendo sido um só artista, para se fazer uma idéia da transição entre os concretismos e a quase art brut de Ivan Serpa.

PERIGOS

O artista que não erra está quase sempre exposto a um perigo mais grave: a recusa do risco, equivalente a um conformismo incompatível com a expressão criativa. E também a um segundo perigo: a necessidade de segurança, igualmente inibidora.

A fase quase brut de Ivan Serpa evidencia que ele aceita arriscar-se, não obstante as indicações antecipadas, a respeito dos novos êxitos que o esperam. Que seu perfeccionismo não é espúrio, prova-o sua necessidade frequente de mudanças abruptas, seu quase método de esconder-se como personalidade por trás das transformações.

ERÓTICO

Já na fase expressionista, Ivan Serpa inclinava-se para o erótico. Seus nus femininos tornavam-se agressivos em sua deformidade. Quando, ao iniciar-se a fase presente, Serpa volta à precisão geométrica, o erótico não o abandona. Ele é erótico sem ser sensual.

Na fase anterior seu erotismo estava comprometido demais com a deformidade e a violência de sentimentos pouco sensuais. Na fase atual, está transmutado por idealismo e estilização avançados. Ser

pa explora a idéia do erótico com um espírito de filósofo ou de matemático. Abstraindo o sensual, faz-nos apelos ao pensamento. Parece um geômetra às voltas com o inconciente. Seus arquétipos eróticos mergulham no espaço (cênico?) evidenciando afinidades com o Kubrick da admirável seqüência final do 2001. É claro, porém, que em Serpa tudo é filtrado por sua disciplina ultra-exigente.

ORIGINAL

O que sobretudo impressiona bem na presente fase de Ivan Serpa é que ele atingiu uma originalidade que antes não havia encontrado. O fato de permanecer criando num mesmo "estilo" há 4 anos indica que ele tem consciência de ter-se reencontrado.

Finalmente, uma breve palavra sobre a organização da mostra. Tendo Serpa recusado uma retrospectiva - seria impossível fazê-la na base apenas do desenho - justifica-se a desproporção entre a representação da fase atual e a das precedentes. Esta desproporção chega quase a bipartir a mostra, mas o que incomoda é a interferência de uma multiplicidade de elementos óticos estranhos em cada desenho do artista, na orgia de reflexos sobre os vidros. Esta orgia não é novidade em nossa Arte Moderna, infelizmente. Mas é impossível estar de acôrdo com ela. Já é tempo de pensar na solução do problema, de uma vez por tôdas.

Os 25 Anos de Desenhos de Ivan Serpa são indispensáveis a todos os que se interessam por nossa criação artística. A exposição justifica até viagens longas para a sua fruição.

NOTAS: 5 reproduções de trabalhos (desenhos eróticos) foto do artista
são 5 da fase Op Érotica